



Um dicionário para o SEXO





Tríssia Ordovás Sartori (textos)
Charles Segat (ilustrações)

Não há comprovação científica de que a libido seja influenciada pelas estações do ano, mas não se pode negar que a chegada do verão interfere na vontade de sair de casa, mostrar o corpo e interagir com os amigos. Entre uma conversa e outra, o sexo sempre acaba entrando em pauta. Mas não é só na hora da conquista que se pensa “naquilo”: as palavras e expressões sexuais estão mais presentes no dia a dia do que se possa supor.

Ao contrário das particularidades do vocabulário médico ou jurídico, aquele que designa sexo faz parte do acervo linguístico de cada sociedade – não é necessário ir à universidade para compreendê-lo. E que tamanho ele tem? Na língua italiana, por exemplo, são usadas 3.163 expressões para definir o sexo (ato sexual e órgãos genitais, basicamente). Para se ter uma ideia, o número aproxima-se dos quatro primeiros cantos de *A Divina Comédia*, clássico de Dante Alighieri, com 3.463 palavras.

Os dados foram compilados pelo jornalista e escritor italiano Vito Tartamella, um dos principais especialistas em palavrões na Itália. Quando começou a escrever o livro *Parolacce (Palavrões)*, lançado em 2009, sem previsão de tradução), observou que, no conjunto de palavras da língua italiana,

50% tinham origem sexual. Naquele momento, no entanto, não se deteve a entendê-las. Só quando foi convidado a participar do I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, promovido pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) em novembro, decidiu retomá-lo.

– Quando recebi o convite, encontrei a ocasião para aprofundar o argumento, seja porque queria apresentar no Brasil uma nova pesquisa, seja para satisfazer uma curiosidade que tinha há anos – explicou.

Aqui, apresentou resultados da pesquisa desenvolvida com base no *Dizionario Storico del Lessico Erotico (Dicionário Histórico do Léxico Erótico)*, na tradução, de Valter Boggione e Giovanni Casalegno, sem lançamento em português. O livro trata de oito séculos de literatura italiana: das metáforas às alusões, dos termos arcaicos aos modernos, dos eufemismos infantis às definições científicas, até as expressões mais vulgares. Além de quantificar e classificar as palavras, ele tira conclusões antropológicas sobre o que as palavras revelam – ou escondem.

Tartamella, no entanto, tem dificuldade para escolher o dado mais curioso. Um dos principais motivos, segundo ele, é que faltam estudos similares, em outras línguas, para poderem ser estabelecidas comparações.

– É mais ou menos significativo que a palavra para designar a vagina represente 19% do total das

palavras de sexo? Não sei responder, porque deveria saber quantas palavras existem em português ou espanhol para ela, para entender como é em italiano. E mesmo assim seria muito difícil interpretar – explica.

Mais interessante, para ele, é o fascínio que o assunto causa:

– Consegui reconstruir com precisão quantas são as palavras de sexo, como são distribuídas e que tipo de metáforas são usadas para descrever o sexo: é uma base concreta para realizar estudos posteriores.

Alimentos e ações cotidianas

Os atos sexuais são responsáveis por 37% do repertório linguístico italiano ligado ao sexo, sobretudo ao coito (89%). Com base na tradução da pesquisa de Tartamella, é possível identificar semelhanças com o vocabulário usado no Brasil. A maior parte das ações é descrita inspirada nas atividades da vida diária – ações essencialmente concretas e que lembram movimento, como perfurar, esmagar e meter – e na alimentação, como colocar no forno, molhar, comer e papar.

É seguida pelos trabalhos, como plantar, varrer, picar, e pelas imagens de guerra, como luta, peleja, golpe e assalto. Também por aquelas que evocam a vida social – festa, baile e jogo – e as metáforas da

natureza, como cavalgar e montar.

Depois deles, surge o órgão genital masculino, com 31% (algumas dessas palavras aparecem na ilustração da página 5). Ele costuma ser visto mais como objeto (44% de uso doméstico, como vara), mas também são numerosas as palavras que fazem referência à guerra (dada à agressividade do ato, como clava), as que falam sobre mundo animal (15%: passarinho, piu piu, enguia, tronco) e sobre personificações (7%: amigo, menino).

São essas personificações observadas por Tartamella as que mais chamam a atenção de uma garota de programa de Caxias do Sul ouvida pela reportagem. Segundo ela, os clientes referem-se ao próprio pênis “com nome de gente”, como paulinho, joãozinho e zezinho, o que não ocorre na referência ao sexo feminino, também expresso no diminutivo – “xaninha” é uma das palavras preferidas.

Estudiosos reconhecem que a substituição deixa as pessoas mais à vontade para expressar a sexualidade, que costuma aparecer de forma velada, como tabu. Percebe-se, assim, que é mais fácil substituir o “nome oficial” pela metáfora. A associação ocorre, muitas vezes, pela forma – usa-se língua ou banana em vez de pênis. Ou ao se ensinar a criança a chamar o genital de pipi porque é mais bonitinho.

No caso da genitália feminina, ocorre o mesmo. O percentual de palavras relacionadas à vagina, no entanto, é menor: 24%. Os mais usados,

no entanto, lembram a passividade e a receptividade, designados também como objetos em 33% das ocorrências, como bolsa. Chama a atenção de Tartamella que as palavras usadas para designar a vagina expressem espanto e admiração frente a um sexo oculto, misterioso, que contém o segredo da vida. Não é coincidência, segundo ele, que alguns termos para designá-la, como gruta e bosque, evoquem esse aspecto (outros termos podem ser conferidos na formação da ilustração da página 4).

Mas por que as referências ao sexo masculino são maiores do que ao feminino?

– Os motivos são muitos: o machismo da cultura italiana, ou ainda do fato que o sexo masculino, sendo externo, é mais visível e então mais fácil de ser descrito, enquanto a vagina é mais escondida e também mais tabu. Mas é muito difícil dar uma resposta certa sobre isso. Em português, por exemplo, encontrei muito mais termos para designar a vagina do que o pênis: o motivo é um mistério, e espero que os linguistas brasileiros pesquem – diz Tartamella.

Ponto de vista masculino

No Brasil, o folclorista pernambucano Mário Souto Maior, morto em 2001, lançou o *Dicionário do Palavrão e Termos Afins*, em 1974, em plena ditadura militar. Ainda hoje é a principal obra do gênero. Para elaborar o trabalho, ele percorreu

várias regiões do país durante cinco anos, o que rendeu mais de 3 mil verbetes, fruto de apontamentos em 8 mil formulários e da leitura de mais de 200 romances (leia abaixo quais são os autores mais desbocados).

Dez anos depois, um dos precursores das pesquisas de oralidade no Brasil, Dino Preti, lançou *A Linguagem Proibida: Um Estudo sobre a Linguagem Erótica*. Na obra, ressalta que a ideologia machista é mascarada pela dupla moral de uma época. Segundo ele, o processo metafórico é organizado, sempre, a partir de um ponto de vista masculino. Entendê-lo, portanto, sugere mais do que um entendimento linguístico.

– O tema é mais de caráter sociológico e histórico do que linguístico – limitou-se a explicar Preti, por e-mail.

Um exemplo? As pessoas costumam usar o termo porrada para se referir à pancada ou surra – mas a palavra também é usada para designar o próprio ato sexual. Ele está diretamente ligado à palavra porra, o termo popular mais usado para sêmen ou esperma. Porra, por sua vez, está ligada aos termos esporrar e esporro, usados para descrever a ejaculação do esperma e também um xingamento.

Na obra de Preti, explica-se que a ênfase na potência está ligada ao papel representado não apenas pelo pênis, mas por toda a região genital, como o lugar de força e vontade masculinas. Assim também se constrói a masculinidade na sociedade brasileira.

SEGUE

Na língua italiana, o vocabulário sexual é composto por 3.163 palavras, que revelam o comportamento da sociedade e a forma como ela lida com tabus

CRANÇA tem que BRINCAR!

ABERTO AOS DOMINGOS DAS 14H AS 19H

TEMOS CARTÃO PRESENTE

ACEITAMOS: VISA, Good, BANCO, Hipercard, CREDITO, CREDITO

CHEQUE PRE PAGADO em 1 e 2 de cada consulta no local

Sinimbu, 1670 - Centro - (54) 3534.8588

Preço mínimo: R\$ 25,00. Preço máximo: R\$ 25,00. Preço médio: R\$ 25,00. Preço mínimo: R\$ 25,00. Preço máximo: R\$ 25,00. Preço médio: R\$ 25,00.

MOCHILA COM PORTA NOTEBOOK NICOBOCO R\$ 59,95 À vista

CADERNINHA COM KIT DE COZINHA DISMAT R\$ 29,95 À vista

URSO DE PELÚCIA MÉDIO COM PORTA RETRATO PIZZI R\$ 35,95 À vista

FIGURA DE AÇÃO COM VEÍCULO E ACESSÓRIOS NIMO R\$ 19,95 À vista

CADERNINHA COM KIT TRENDINHO DISMAT R\$ 29,95 À vista

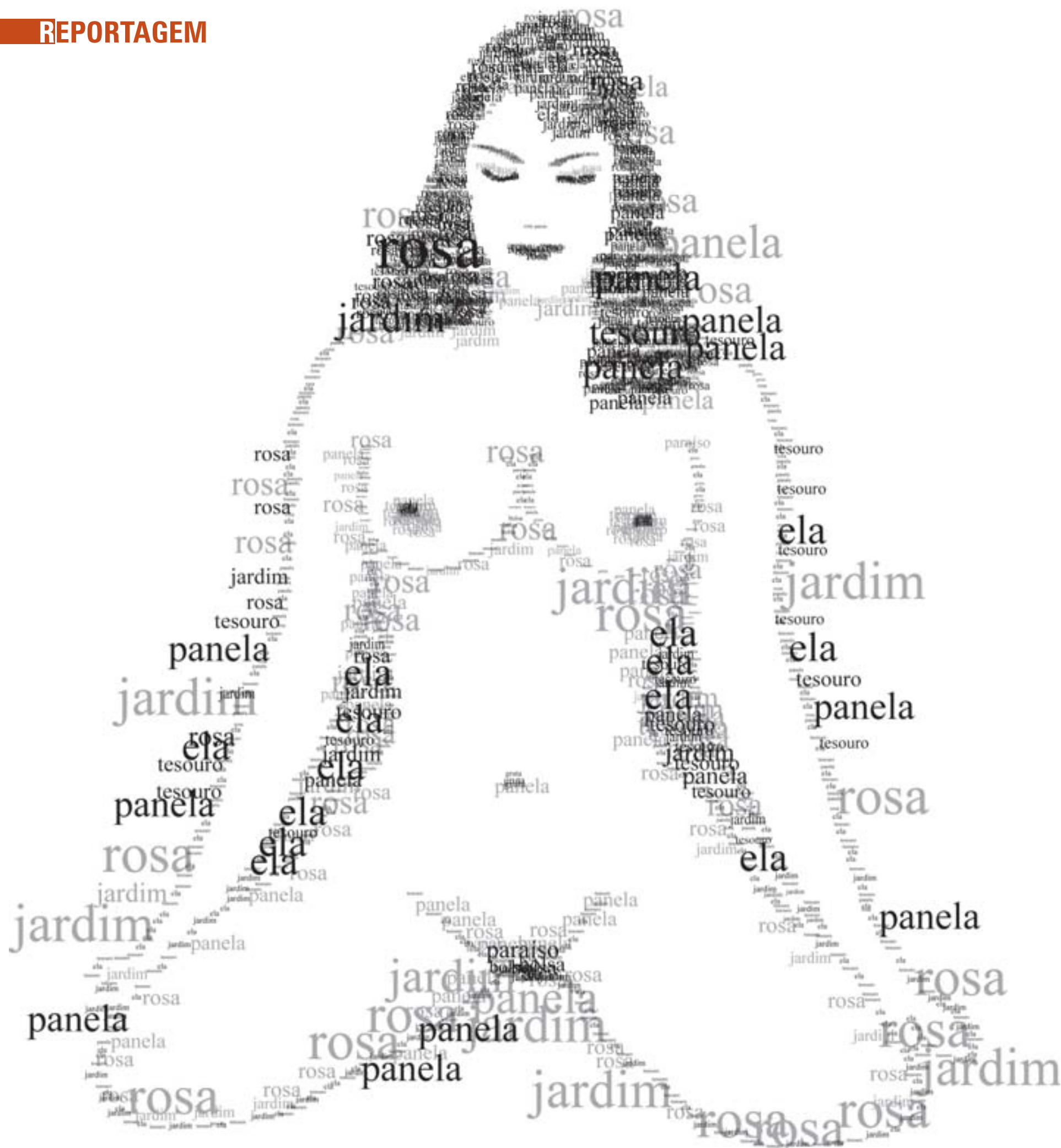
ROBÔ SUPER BANCO IMOBILIÁRIO ESTRELA R\$ 119,95 À vista

COZINHA COMPLETA PETIT GOURMET CAESARIA R\$ 169,95 À vista

BOBINA ANJOS BABY LOIRA / MORENA BUBA R\$ 59,95 À vista

CARRO DE CONTROLE REMOTO FIAT 500C R\$ 49,95 À vista

MAMÃE E PAPAI NOEL ESTÃO TE ESPERANDO NA ESTAÇÃO!



Sobre as nádegas

■ As palavras para designar nádegas representam 8% daquelas de cunho sexual, de acordo com a pesquisa de Vito Tartamella.

■ Um dos intelectuais brasileiros que falaram sobre elas foi Gilberto Freyre. Em texto publicado na revista Playboy em 1984, Freyre escreveu:

“Surtem, nessas indagações secretas, homens

casados casando outra vez com mulatas (talvez do tipo mulher tornada conhecida como “arde-lhe o rabo”, decerto por haver se extremado em furor anal), adultos europeus ou de procedência europeia pecando contra a natureza, em coitos anais...”

“Ao tamanho das nádegas, desenvolveu-se, é de supor, a tendência, quase folclórica, entre brasileiros, de associarem-se os chamados c...

de pimenta ou rabos ardorosos, já presentes em referências em registros das investigações do Santo Ofício.”

“Impõe-se recordar do lúcido modernista de 1922, Oswald de Andrade, que, em página de novela com alguma coisa de autobiográfico, confessa: ‘e enrabei Dona Lalá’. Em versos, também modernistas, Manuel Bandeira refere-se a ‘jenipapo na bunda’.

Texto de Gilberto Freyre extraído da revista Playboy nº.113, de dezembro/1984, sob o título Uma Paixão Nacional.

Mas essa construção não é privilégio brasileiro ou italiano. O espanhol, o inglês e o francês também apresentam milhares de termos para o sexo. Para Tartamella, elas são, provavelmente, as línguas com maior número de termos sexuais, por vários motivos: entre eles, a presença de numerosos dialetos que enriqueceram o léxico da língua.

Além disso, avalia o pesquisador, não se pode esquecer da passionalidade típica da cultura latina, que dá valor ao sexo também como instrumento de comunicação, e à influência da igreja católica, que, paradoxalmente, com a censura tornou o sexo mais significativo, um “tesouro proibido”, por isso mesmo ainda mais desejado.

Os nomes para vagina em português, segundo levantamento de Tartamella, com base em sites como Brazzil.com, mostram

o contrário: 1.869 nomes para ela, contra 429 para o pênis. A maioria deles está ligado ao vocabulário cheio de gírias, mostrando uma visão cômica do mundo. E nada mais fácil de ridicularizar do que o ato sexual. Que o diga o dramaturgo Nelson Rodrigues (1912-1980), autor, entre tantas pérolas, da célebre “o ato sexual é uma mijada”.

– A riqueza do vocabulário sexual é o sintoma da importância do sexo na nossa vida, o que é natural. Uma sociedade é mais livre se sabe usá-lo de maneira apropriada, consciente e serena. E, sobretudo, de modo não desqualificante: frequentemente os termos sexuais são usados como insulto, mas isso é contraditório, visto que o sexo é a nossa porta para a eternidade e, em muitas culturas, é justamente considerado sagrado – completa o pesquisador italiano.

Fale com a repórter e com o ilustrador
trissia.ordovas@pioneiro.com e charles.segat@pioneiro.com



Na literatura *

O baiano Jorge Amado é um dos autores que mais usam palavrões, muitos deles com conotação sexual, na obra literária. Alguns exemplos:

■ **Dar a maricotinha:** o mesmo que praticar sexo anal, ato de pederastia passiva (Bahia). “O demais que tinha praticado Severina exatamente para impedir que ele lhe tirasse os tampos: onde o reverendo Frei ouvira dizer que tomar no c... era o mesmo que dar a maricotinha?” (na obra *Tocaia Grande*, 1984).

■ **Fechar a cancela:** aposentar-se sexualmente (Nordeste). “Já fechou a cancela, Boa Vida” (em *Capitães de Areia*, 1945).

■ **Levanta cacete:** mulher bonita, benfeita de corpo, sexy (Nordeste). “Até onde a memória alcança, as mulheres da família eram de encher o olho e de levantar cacete de morto” (em *Tereza Batista Cansada de Guerra*, 1972, p. 43).

■ **Papar:** ter relações sexuais (Nordeste, Sul). “Os aposentados e retirados dos negócios a viam e desejavam: – E o senhor, comandante, papou?” (em *Os Velhos Marinheiros*, 1961).

■ **Zebedeu:** órgão sexual masculino (Bahia). “As raparigas, à la vontade, umas seminuas, outras em pelo, esfregavam trapos, banhavam-se, esquecidas em vadio converse. Atarantado, o adolescente não soube o que fazer nem como impedir o zebedeu de crescer sozinho na braquiilha” (em *Tocaia Grande*, 1984).

* José Lins do Rego, Gilberto Freyre e Oswald de Andrade também aparecem na lista dos intelectuais “bocas-sujas”.

* Trechos retirados da obra Dicionário do Palavrão e Termos Afins, de Mário Souto Maior

PIONEIRO.COM

Confira no site mais nomes curiosos para definir os órgãos sexuais masculinos e femininos e algumas particularidades típicas de cada região do Brasil.

